

## NOTÍCIAS

### NÚMEROS ANTERIORES DA "FOLHA CRIACIONISTA"

Os interessados na aquisição dos números anteriores da "Folha Criacionista" poderão dirigir-se ao endereço abaixo:

Folha Criacionista  
Caixa Postal: 274  
13560 São Carlos SP

encaminhando, juntamente com seu pedido, ordem de pagamento ou cheque pagável em São Carlos, em nome de Rui Carlos de Camargo Vieira. O preço por exemplar é de Cr\$ 5,00.

No primeiro número da Folha Criacionista foram publicadas as seguintes traduções de artigos da revista da *Creation Research Society*:

- 1 - A Terra no Espaço e no Tempo  
Harold W. Clark
- 2 - Datação com Radiocarbono  
R. H. Brown
- 3 - O Caráter Científico da Doutrina da Evolução  
Willem J. Ouweneel
- 4 - Uma Explicação Simplificada da Primeira e Segunda Leis da Termodinâmica  
A sua Relação com as Escrituras a Teoria da Evolução.  
Emmett L. Williams Jr.

No segundo número da Folha Criacionista foram publicadas as seguintes traduções de artigos da revista da *Creation Research Society*:

- 1 - A Teoria da Evolução e as Limitações do Conhecimento Humano  
Julio Garrido
- 2 - A Estrutura e a Essência da Geologia  
Clifford L. Burdick
- 3 - Os Ancestrais do Homem  
William J. Tinkle
- 4 - A Ontogenia Recapitula a Filogenia  
Wilbert H. Rusch Sr.
- 5 - Darwinismo Social  
Bolton Davidheiser
- 6 - Decaimento do Momento Magnético Terrestre e suas Conseqüências Geocronológicas.  
Thomas G. Barnes

No terceiro número da Folha Criacionista foram publicadas as seguintes traduções de artigos da revista da *Creation Research Society*:

- 1 - Um Exame Crítico da Datação Radioativa das Rochas  
Sidney P. Clementson
- 2 - O Homem Fóssil - Ancestral ou Descendente de Adão?  
R. Daniel Shaw

- 3 - Sobre a Harmonia das Leis da Natureza  
Harold Armstrong
- 4 - Aspectos Gerais e Craniométricos do "Homem de Piltdown"  
Welington Dinelli

### **Atualização da Notícia anterior**

O endereço da Folha Criacionista, por ocasião da reedição deste seu Número 4 passou a ser o seguinte:

SOCIEDADE CRIACIONISTA BRASILEIRA  
CAIXA POSTAL 08743  
70312 - 970 - BRASÍLIA - DF BRASIL  
TELEFAX (61)3468-3892  
e-mail: scb@scb.org.br  
Site: <http://www.scb.org.br>

### **"CRIACIONISTAS E EVOLUCIONISTAS EM CONFRONTO NA CALIFÓRNIA"**

Com o título acima, a revista SCIENCE, da Associação Americana para o Progresso da Ciência, de 17 de novembro de 1972, vol. 178, nº 4062, apresenta um extenso editorial assinado por Nicholas Wade a respeito do assunto já apresentado nas notícias do terceiro volume da "Folha Criacionista" sob o título "Evolução vs. Criação - Volta a polêmica".

Por ser de interesse para nossos leitores, transcrevemos a seguir o editorial de SCIENCE.

*Surge um novo livro didático de Biologia em duas versões - uma edição nacional, e uma edição para a Califórnia. A primeira, para ilustrar o relato das origens do homem, apresenta fotografias do paleoantropologista L. S. B. Leakey. Na edição destinada a satisfazer às exigências do Conselho Estadual de Educação da Califórnia, Leakey é substituído pelo afresco da criação do homem existente na Capela Sistina, de autoria de Michelangelo. A troca de Leakey por Adão simboliza com precisão os dois lados de uma controvérsia que tem atingido o ensino da ciência nas escolas fundamentais da Califórnia.*

*Os editores podem ter deduzido corretamente o desejo do Conselho Estadual ao substituir pelo relato de Gênesis a versão darwinista das origens do homem. Na realidade, o Conselho está solicitando somente tempos iguais, desejando que os professores de Ciências apresentem a evolução e a criação como explicações igualmente plausíveis de como o homem veio à existência. Mas, ao contrário da sábia decisão de Salomão de dividir a criança em disputa, a sabedoria deste decreto não tem sido reconhecida universalmente. Professores de Biologia e cientistas das universidades da Califórnia mobilizaram-se tardiamente contra o que acham ser uma ameaça à liberdade tanto acadêmica quanto científica. Estabeleceu-se o cenário para uma confrontação direta entre ciência e religião, cujas reverberações poderão estender-se a diversos outros Estados nos quais tensões semelhantes estão latentes.*

*Em meados do próximo mês o Conselho de Educação da Califórnia irá adotar um livro didático de Ciências para as escolas fundamentais. Qualquer que seja a sua escolha, parece que a questão terminará na justiça, pois os evolucionistas ameaçaram impetrar uma ação se for mencionada a criação, enquanto que os criacionistas ameaçaram apelar, se ela não for mencionada. Como envolveu-se o Conselho de Educação em tal situação?*

*A história inicia-se há dez anos, no distrito de Orange, onde duas senhoras, Jean E. Sumrall e Nell J. Segraves, perceberam o conflito que seus filhos divisaram entre a Bíblia e o relato evolucionista ensinado na escola. Elas encaminharam um protesto ao Conselho Escolar do distrito de Orange, sendo-lhes respondido que o Conselho só poderia ensinar o que estivesse contido em livros didáticos. Com a ajuda de um amigo da Sra. Segraves, Walter E. Lammerts, dispuseram-se a persuadir o Conselho Estadual de Educação da Califórnia a alterar os livros didáticos.*

*Lammerts, fundamentalista, com Ph.D. em genética pela Universidade da Califórnia, é por profissão hibridizador de rosas (a rosa Charlotte Armstrong é uma de suas variedades). Em 1963, tornou-se ele o principal fundador da Creation Research Society, associação que desempenhou importante papel no assunto dos livros didáticos da Califórnia. A Sociedade tem duas exigências para afiliação, as quais, em conjunto, fazem dela uma associação singular. Os candidatos devem possuir grau de mestre ou doutor em qualquer campo das Ciências Naturais, e devem crer na veracidade literal da Bíblia. O credo da Sociedade estabelece, por exemplo, que "o relato das origens apresentado no livro de Gênesis é uma apresentação real de simples verdades históricas", que "todos os tipos básicos de seres vivos, inclusive o homem, foram criados mediante atos criadores diretos de Deus durante a Semana da Criação descrita em Gênesis", e que o dilúvio bíblico foi "um acontecimento histórico, de amplitude mundial em sua extensão e efeito". A Creation Research Society conta, no momento, com 300 membros plenos e 1.200 membros associados (os associados não possuem os títulos acadêmicos). A Sociedade afirma não ser uma associação de classe, sendo suas atividades devotadas exclusivamente à publicação de uma revista trimestral. Mesmo assim, membros individuais da Sociedade têm solicitado às autoridades educacionais de diversos Estados que restrinjam ou modifiquem o ensino da evolução.*

*Um de tais Estados é a Califórnia, onde, em 1963 e nos anos subsequentes, as senhoras Sumrall e Segraves, que são membros associados da Creation Research Society, oficiaram ao Conselho Estadual de Educação solicitando a inclusão de relatos da criação paralelamente ao ensino da evolução. Seis anos após, os seus esforços frutificaram. Um conjunto de normas para programas de educação em Ciências foi preparado pela Comissão Estadual de Assessoramento para a Educação em Ciências, para alunos desde o jardim da infância até o último ano do ensino fundamental. O documento, conhecido como "Estrutura das Ciências para as Escolas Públicas da Califórnia", subiu à aprovação do Conselho Estadual de Educação em outubro de 1969. A falha do documento por não fazer menção à criação foi criticada por dois membros do Conselho - John R. Ford, médico adventista do sétimo dia de San Diego, e Thomas G. Harward, médico pessoal do então superintendente da instrução*

pública, Max Rafferty.

Nesse ponto, os acontecimentos tomaram um aspecto singular. Um cidadão isolado, Vernon L. Grose, leu um editorial do Los Angeles Times sobre o assunto, e apresentou um projeto de quatro páginas para modificação do documento. Na reunião seguinte do Conselho, a 14 de novembro, cortaram-se as passagens do documento que faziam menção à evolução, substituindo-as por dois parágrafos tirados do ofício de Grose:

*"Toda a evidência científica existente até o presente relativamente à origem da vida implica pelo menos um dualismo, ou na necessidade de diversas teorias, para explicar completamente as relações entre dados conhecidos. Esse dualismo não se restringe somente a este campo de estudo, mas é também próprio de outras disciplinas científicas, como, por exemplo, a Física da Luz. Apesar de que a Bíblia e outros tratados filosóficos também mencionam a criação, a ciência postulou independentemente as várias teorias da criação. Portanto, em termos científicos, a criação não é uma crença religiosa ou filosófica. Ressalte-se, também, que as teorias da criação e da evolução não são necessariamente exclusivas mutuamente. Alguns dados científicos (por exemplo a ausência regular das formas de transição) podem ser melhor explicados por uma teoria criacionista, enquanto que outros dados (por exemplo a transmutação das espécies), consubstanciam um processo de evolução."*

A Comissão de cientistas que havia preparado o documento repudiou imediatamente a versão revisada, e solicitou reconsideração ao Conselho de Educação. Para grande surpresa da comunidade biológica, o Conselho não só não reconsiderou, mas o vice-presidente Ford deixou claro que os livros didáticos de Ciências para adoção no ano em curso teriam que se conformar ao documento.

Só recentemente os biólogos se organizaram para se oporem à adoção de tais livros didáticos. A Associação Nacional dos Professores de Biologia (ANPB) está arregimentando forças para a defesa legal dos professores que não se conformem com o documento, tendo mesmo o geneticista G. Ledyard Stebbins, da Universidade da Califórnia em Davis, encorajado os seus colegas daquele e de outros campus, a cerrar fileiras em defesa do ensino da evolução e da ciência. Foram aprovadas resoluções de protesto contra a posição do Conselho de Educação, na Comissão de Educação em Ciências da Associação Americana para o Progresso da Ciência (AAAS), na Sociedade Química Americana e na Academia Nacional de Ciências. Entrementes, os criacionistas fortaleceram a sua posição com a indicação de Grose para a comissão de desenvolvimento de currículos e materiais suplementares, um colegiado que escolhe livros didáticos para aprovação do Conselho.

Na semana passada, nos preparativos para a adoção de livros didáticos a ser concretizada na reunião do próximo mês, o Conselho de Educação realizou uma sessão na qual as testemunhas de cada lado apareceram com as roupagens trocadas: os criacionistas dizendo-se falar em nome da ciência, e os evolucionistas em nome tanto da biologia quanto da religião. O lado evolucionista trouxe a campo um bispo mórmon e o deão da Catedral

*Episcopal Grace de São Francisco, os quais defenderam o primado da ciência relativamente ao livro de Gênesis com tanta ênfase quanto qualquer evolucionista poderia ter desejado. O Conselho ouviu também dos delegados da sua comissão de currículo que a comissão havia concordado unanimemente com três proposições básicas para assegurar a "neutralidade" dos livros didáticos de Ciências:*

- *A mudança do dogmatismo na ciência por afirmações condicionais;*
- *A discussão, pela ciência, do "como" e não das "causas finais" das origens;*
- *A apresentação aos estudantes das questões não resolvidas pela ciência, para estimular o interesse e os processos de inquirição.*

*A comissão propôs-se fazer revisões editoriais nos livros didáticos, de acordo com essas normas, e esperava que seriam necessárias somente umas poucas alterações. O alcance dessas alterações não está ainda claro, embora Grose, o membro da comissão encarregado de negociar as alterações com os editores, tenha dito a SCIENCE, no mês passado, que, por exemplo, um livro didático não deveria dizer que um animal adaptou-se ao seu ambiente, pois isso implicaria em evolução. Ou o editor teria de substituir "adaptou-se" por uma palavra neutra, disse Grose, ou deveria afirmar que o animal "ou adaptou-se, ou foi projetado" para o seu ambiente.*

*A estratégia que levou já os criacionistas tão perto do sucesso é mais uma sutil abordagem do que a montagem de um ataque frontal à evolução. Os criacionistas, embora não creiam pessoalmente que a evolução tenha ocorrido, não estão pedindo que Darwin seja banido das salas de aula. Nem tampouco, mesmo às vezes tendo sido acusados de fazê-lo, estão tentando introduzir o relato de Gênesis nos livros de Biologia. (Taticamente isso seria auto-destrutivo, pois seria anticonstitucional favorecer qualquer religião em particular). A sua assertiva é que os fatos e os assuntos explicados pela teoria da evolução podem igualmente bem ser explicados por uma teoria da criação, a qual, insistem, é uma teoria válida e erudita que merece atenção igual à que é dada à evolução no ensino de Ciências. Um segundo argumento é que a teoria da evolução favorece ou implica um ponto de vista ateísta, desta maneira fazendo discriminação inconstitucional às crianças cristãs.*

*Dentro desse quadro geral, os criacionistas não constituem uma associação monolítica, tornando-se evidentes certas diferenças doutrinárias entre eles. A Creation Research Society engloba o grande núcleo de cientistas criacionistas que advogam a falsidade da evolução e a veracidade do livro de Gênesis. Dois membros ativos da Sociedade constituem a direção do Institute for Creation Research, uma organização de ensino e publicações ligada ao Christian Heritage College, de San Diego. Outra organização com tendências evangélicas, mas não fundamentalista, é a American Scientific Affiliation, uma associação devotada à exploração das relações entre ciência e religião. Lammerts, fundador da Creation Research Society, foi membro da Affiliation, mas desligou-se, declarou ele a SCIENCE, "porque ela tolerava a evolução". Essa é a grande diferença entre as duas organizações. A Affiliation não desempenhou nenhum papel formal nessa questão do livro didático da Califórnia, exceto pelo fato de ter como membro Grose, um destacado criacionista, pertencente à comissão de currículo.*

Grose é engenheiro com experiência no campo aeroespacial, e vice-presidente do Tustin Institute of Technology, uma firma de Santa Bárbara especializada em assuntos educacionais ligados a Administração; não é membro da Creation Research Society, e considera que a direção do Institute of Creation Research não tem sido completamente científica na sua seleção de evidências. Grose descreve a teoria da evolução e a criação respectivamente como "obra do acaso" e "obra planejada". Os seus pontos de vista parecem ser compartilhados em parte por seus amigos de atividades aeroespaciais, como Wernher von Braun e os astronautas Jim Irwin e Edgard D. Mitchell. Grose admite certa dose de evolução, mas a sua maior preocupação são as origens, um assunto sobre o qual ele deseja que a ciência permaneça "em silêncio absoluto". Numa entrevista, Grose declarou estar preocupado porque "as crianças em idade escolar, que cresceram acreditando na existência de Deus, são agora ensinadas, em nome da ciência, que foi conclusivamente demonstrado que Deus está fora do jogo". "Eu desejo que isso seja retificado, e seja apresentado um relato neutro ou pro-teístico". Se uma criança levantar perguntas a respeito do Criador postulado na teoria da criação, o professor deveria responder que a ciência nada conhece a favor ou contra tal Criador. A ciência ultrapassou os seus limites ao tratar das causas primárias, e "na cultura ocidental foi supervalorizada como sendo o único repositório da verdade objetiva". Grose crê que a mudança no ensino das Ciências que ele está ajudando a efetuar "será uma mudança comparável à que houve ao se deixar de crer que a Terra era plana".

Outro porta-voz do lado criacionista é Duane T. Gish, ex-membro da equipe de pesquisas da companhia farmacêutica Upjohn e atualmente vice-presidente do Institute for Creation Research. Gish é um dos principais teóricos dos criacionistas, sendo sua especialidade mostrar como a paleontologia desaprova a evolução. "O registro histórico inscrito nas rochas literalmente clama: 'Criação!' " foi como se expressou Gish numa reunião da ANPB realizada em São Francisco no mês passado. Gish demonstrou-se orador persuasivo, de tal maneira que os organizadores da reunião da ANPB, possivelmente duvidando da fidelidade de seus membros à evolução, conseguiram que o presidente da sessão replicasse às palestras de Gish e de outro criacionista, John N. Moore, da Universidade Estadual de Michigan. A ênfase do ataque de Gish à evolução foi concentrada nas descontinuidades por ele percebidas no registro fóssil. Uma dessas descontinuidades, ressaltou ele aos professores de Biologia, é que "jamais foi encontrado um único fóssil fidedigno em rochas Precambrianas", ao passo que as rochas do seguinte período geológico contêm todas as principais formas de vida dos invertebrados, circunstância essa que contradiz claramente o "modelo evolucionista" e que concorda plenamente com as predições do modelo criacionista. "Nós, os criacionistas, somos cientistas", afirma Gish. "Estamos examinando os mesmos dados, mas oferecemos dois modelos".

Gish, da mesma maneira que outros criacionistas, compara o atual ensino da evolução com o "Processo Scopes às avessas", no sentido de ser presentemente a evolução a única teoria que se permite ensinar. "O autoritarismo da igreja medieval foi substituído pelo autoritarismo do materialismo racionalista". Sugere, outrossim, uma ação legal no caso de o

*Conselho de Educação legislar contra os criacionistas, citando a ação suscitada pelos Mexicano-americanos contra os livros didáticos de Ciências Sociais por eles não apreciados. (A ação foi até o Supremo Tribunal da Califórnia, sendo rejeitada). Os criacionistas, é seu sentimento, constituem uma minoria perseguida. "Foi uma afronta aos cidadãos de cor forçá-los a ocupar a parte traseira dos ônibus, mas nós nem sequer podemos entrar no ônibus".*

*A solicitação, pelos criacionistas, de igual tempo nas aulas de Ciências, despertou considerável perplexidade entre cientistas de outras crenças. A atual, evidentemente séria, adoção de uma linha criacionista pelo Conselho de Educação da Califórnia, é somente um dos fatores. As feridas do tempo em que o ensino da evolução era proibido, só recentemente foram cicatrizadas. Poucas pessoas não ouviram do Processo Scopes, de 1925, em Dayton, Tennessee, quando o conselheiro da defesa, Clarence Darrow, apresentou uma ridicularizante árvore genealógica de William Jennings Bryan e da causa fundamentalista; esquece-se às vezes que Scopes perdeu. O ensino da evolução não está ainda em bases das mais sólidas no Tennessee. De acordo com uma estatística realizada em setembro de 1972, no meio dos estudantes secundários de Dayton, 75% deles crêem que a vida originou-se da maneira descrita em Gênesis, ao invés de como Darwin afirma. A última lei contra a evolução nos Estados Unidos foi revogada em 1970, embora tivesse sido letra morta por muito tempo. Até o aparecimento dos livros didáticos do Biological Sciences Curriculum Study (BSCS) desenvolvidos na Universidade de Colorado em 1965, os editores comerciais às mais das vezes receavam publicar livros didáticos que fizessem algo mais do que veladas referências à evolução.*

### **Scopes e Lysenko**

*No contexto da história contemporânea, a ameaça ao ensino da evolução surgida com os criacionistas constitui perigo consideravelmente maior do que as forças cognitivas relativas dos dois conceitos poderiam sugerir. Pode parecer exagero comparar a situação da Califórnia com o Processo Scopes (no sentido de que a evolução teve de lutar para ser ouvida) ou com a questão Lysenko (leigos ditando o conteúdo da Ciência), mas isso é o que sentem muitos dos que estão envolvidos no combate à atuação do Conselho de Educação. A posição geral adotada pelos evolucionistas é que a "história da criação" não possui características de uma hipótese científica e, portanto, não tem lugar num currículo de Ciências. Relatos religiosos da criação "são afirmativas nas quais se pode escolher acreditar, e ao fazê-lo, isso constitui um ato de fé, porque tais afirmativas não são sujeitas ao estudo ou à verificação pelos procedimentos da Ciência" - é esse o conteúdo de uma resolução aprovada pela Comissão de Educação em Ciência da AAAS. Os criacionistas, na realidade, dizem-se propor a Criação como um conceito científico, e não religioso. "Não estamos interessados em incluir a Bíblia ou outro qualquer relato religioso nos livros didáticos, logo, por que fazer objeção à menção da teoria da criação?" perguntou Lammerts a Bentley Glass na reunião da NABT do mês passado. Glass, ex-presidente da NABT, respondeu que não tinha objeção à inclusão de teorias alternativas, desde que fossem elaboradas em termos suscetíveis de se avaliar a sua validade ou*

falsidade, mas que a teoria da criação não tinha sido formulada dessa maneira. Os evolucionistas presentes à reunião da NABT negaram também que as crenças religiosas fossem ameaçadas pela evolução. "Minha crença em Deus é uma fé, cuja veracidade ou falsidade não é demonstrável através da evidência científica", disse Glass. Acrescentou William V. Mayer, diretor da BSCS, que "os textos de Biologia não desafiam ou contradizem as crenças religiosas, e evitam mesmo deliberadamente tais implicações".

A questão a respeito de se os textos de Biologia contradizem ou não as crenças religiosas é provavelmente importante para a compreensão do movimento criacionista. Desde os tempos de Voltaire, a maioria dos credos religiosos aprenderam a coexistir com a ciência mediante a cessão de direitos sobre qualquer terreno reclamado pela ciência. Essa foi a razão por que a National Academy of Sciences pôde aprovar uma resolução no mês passado, dizendo que "religião e ciência são ... domínios separados e mutuamente exclusivos, do pensamento humano". Mas os fundamentalistas não cederam suas pretensões de explicar as origens da vida. Para eles existe um conflito entre as versões bíblica e científica da criação. E os criacionistas, embora deliberadamente evitem divulgar, são na maior parte fundamentalistas. As duas principais entidades do seu movimento parecem desejar defender o seu próprio ponto de vista a respeito do mundo, e proteger as crenças das suas crianças para que não sejam solapadas na escola.

Este último motivo constituiu a centelha original que acendeu o presente debate na Califórnia. Ele também constitui a base sobre a qual foi fundada a Bible-Science Association, uma organização sediada em Caldwell, Idaho, e que publica o periódico Bible-Science Newsletter (circulação entre 23.000 assinantes). A Associação foi fundada pelo pastor luterano Walter Lang, porque, no seu ministério entre os estudantes na Faculdade de Idaho, descobriu que eles estavam perdendo a sua fé, principalmente como resultado da doutrina da evolução. Motivos semelhantes moveram o Sr. e a Sra. Mel Gabler de Longview, Texas, cuja representação dirigida ao Conselho de Educação do Texas ajudou, dizem eles, a eliminar dois livros didáticos da BSCS da lista de livros autorizados. O Conselho do Texas determinou também que todos os livros didáticos que mencionam a evolução, incluam no seu prefácio uma declaração advertindo que a evolução é apresentada como uma teoria e não como um fato. (J. B. Golden, diretor dos livros didáticos, explica que o casal Gabler foi bem sucedido ao mover um processo de apelação de conformidade com as normas adotadas pelo Conselho Escolar no início de 1960. "É um bom e velho procedimento democrático, e funcionou muito bem", declarou ele.)

Os evolucionistas declaram encarar o movimento criacionista como uma campanha de âmbito nacional, bem coordenada, sustentada por patrocinadores ricos e poderosos. "Essa é uma campanha organizada e bem financiada", declarou Mayer na reunião da NABT, apresentando como evidência disso o tempo e o esforço dedicados pelos criacionistas às suas atividades.

"Parece evidente que os Adventistas do Sétimo Dia e a Creation Research Society estruturaram um plano para exercer considerável pressão", afirma W.

*Earl Sams, consultor do Departamento de Educação da Califórnia. Por outro lado, os criacionistas declaram que as suas sociedades são mantidas somente com as anuidades; que os seus membros agem só individualmente, e que não existe uma campanha organizada. Qualquer que seja a verdade, os criacionistas certamente têm-se mantido ativos em vários Estados.*

*A Bible-Science Association, cujo boletim de notícias tenciona divulgar em linguagem popular os escritos científicos da Creation Research Society e de outras entidades, já estabeleceu filiais em dez cidades do país. O objetivo das filiais é realizar seminários e "trabalhar no sentido de introduzir o criacionismo nas escolas". Membros da Creation Research Society têm tido acesso aos Conselhos Estaduais de Educação na Luisiânia, em Indiana, no Tennessee, na Flórida e no Michigan. O casal Gabler, no Texas, voltou sua atenção aos livros didáticos de Ciências (anteriormente tinham eles tratado de livros de História) por sugestão de Thomas G. Barnes, professor de Física na Universidade do Texas em El Paso, e membro da Creation Research Society.*

*A ação contra a evolução impetrada em Washington, D.C., no mês de agosto passado, constitui um episódio à parte. O suplicante, William Willoughby, editor religioso do Star and Daily News, de Washington, não é membro da Creation Research Society. A ação, que ele declara ter impetrado no interesse dos quarenta milhões de cristãos evangélicos dos Estados Unidos, exige que os livros da BSCS sejam eliminados e que a National Science Foundation, que despendeu sete milhões de dólares no seu preparo, despenda igual quantia em pesquisas na teoria da criação.*

*Quaisquer que sejam os méritos das convicções pessoais dos criacionistas, o seu interesse em resguardar a herança religiosa de seus filhos é legítimo, tanto quanto o interesse dos biólogos em determinar por si mesmos o conteúdo das aulas de Biologia. Os interesses respectivos devem ser reconciliáveis, embora as antigas feridas não sejam o único obstáculo para o acordo mútuo. Os antagonistas de cada lado provavelmente constituem ameaça mais seria ao outro lado do que eles próprios percebem.*

*Os professores de Biologia são provavelmente mais persuasivos do que gostariam de admitir. E as atividades de grupo dos criacionistas abrem a porta para qualquer outro interesse sectário, seja religioso, seja político, para conseguir que os livros didáticos sejam alterados ao seu sabor. Tendo esposado de início a causa criacionista, o Conselho Estadual de Educação da Califórnia dificilmente encontrará uma solução que satisfaça a ambas as partes.*

## **INVENTANDO A TERRA PLANA**

(Esta Nota foi acrescentada à primeira edição deste número da Folha Criacionista)

A propósito da menção feita na notícia anterior, sobre a mudança pretendida no ensino das Ciências ser comparável “à que houve ao se deixar de crer que a Terra era plana”, desejamos alertar nossos leitores, nesta reedição do número 4 da Folha Criacionista, que a questão da esfericidade da Terra usualmente é apresentada como uma prova do obscurantismo religioso, que dogmatizou a respeito de ser plano o nosso planeta (sem nenhum trocadilho proposital ...).

Para o esclarecimento de como surgiu essa concepção de que a Igreja medieval foi a responsável pelo obscurantismo que levou àquela suposta dogmatização, recomendamos a leitura do livro de autoria de Jeffrey Russell intitulado Inventando a Terra Plana, traduzido e publicado pela Sociedade Criacionista Brasileira, e que pode ser solicitado diretamente à Sociedade no novo endereço inserido ao final deste número.

O autor é professor de história na Universidade da Califórnia, campus de Santa Bárbara, e apresenta informações devidamente documentadas que esclarecem como surgiu essa “invenção” de que a Terra é plana, focalizando a questão no contexto mais abrangente do conflito entre idéias religiosas e científicas.

## **EVOLUÇÃO VS. CRIAÇÃO - VOLTA A POLÊMICA**

A respeito da controvérsia entre a evolução e a criação, em andamento nos Estados Unidos da América do Norte, foi publicada a Resolução transcrita a seguir, no AAAS Bulletin, vol. 18, nº 1, de fevereiro de 1973.

*A Comissão de Educação em Ciências da American Association for the Advancement of Science, aprovou a seguinte resolução, em sua sessão de 13 de outubro de 1972:*

*“A Comissão de Educação em Ciências da AAAS opõe-se rigorosamente às tentativas de alguns Conselhos de Educação, e outros grupos, em insistir que relatos religiosos da criação sejam ensinados nas aulas de Ciências.*

*Durante os últimos cento e cinquenta anos, a crosta da Terra e os fósseis nela preservados foram estudados intensamente pelos geólogos e paleontologistas. Os biólogos estudaram intensamente a origem, a estrutura, a fisiologia e a genética dos organismos vivos. A conclusão desses estudos é que as espécies de animais e plantas existentes evoluíram de diferentes espécies que viveram no passado. Os cientistas envolvidos nesses estudos estabeleceram o corpo de conhecimentos conhecido como a teoria biológica da origem e da evolução da vida. Não há teoria científica alternativa aceitável hoje em dia para explicar os fenômenos.*

*Os vários relatos da criação que fazem parte da herança religiosa de muitos povos não são afirmações ou teorias científicas. São afirmações que alguém pode escolher para crer, mas ao assim fazer, isso se torna uma questão de*

*fé, porque tais afirmações não são sujeitas ao estudo ou à verificação mediante os processos da ciência. Uma afirmação científica deve ser capaz de prova mediante observação e experiência. Ela torna-se aceitável somente se, após repetidas provas, for achada satisfatoriamente explicativa dos fenômenos aos quais se aplica.*

*Desta maneira, as afirmações sobre a criação que fazem parte de muitas religiões não encontram lugar no domínio da Ciência, e não deveriam ser encaradas como alternativas razoáveis às explicações científicas da origem e da evolução da vida”.*

É interessante observar que essa resolução da AAAB reconhece que *“uma afirmação científica deve ser capaz de prova mediante observação e experiência”* e que *“ela torna-se aceitável somente se após repetidas provas, for achada satisfatoriamente explicativa dos fenômenos aos quais se aplica”*. É exatamente devido a este argumento que a Evolução não passa de mera teoria, não consistindo sequer uma afirmação científica!

### **MONOGENISMO E POLIGENISMO**

A Folha Criacionista transcreve a seguir o artigo de autoria de Gustavo Corção com o título acima, publicado em “O Estado de São Paulo”, de 28 de setembro de 1972. Nele o autor aborda o assunto das origens de maneira bastante interessante, mostrando a atualidade do tema.

*É antigo e irredutível o debate em torno do problema e do mistério da origem do homem. No esplendor do cientificismo dos séculos passados, XVIII e XIX, a questão foi estridentemente colocada em termos de antagonismo entre a Religião e a Ciência.*

*De um lado estariam, como até hoje efetivamente estão, os católicos que criam e crêem na criação supernatural e sobrenatural de nossos primeiros pais Adão e Eva; de outro lado estão os que invocam a Ciência e crêem encontrar nela um refulgente desmentido da revelação divina e do credo católico. Podemos armar os termos do debate em sua forma convencional: criacionismo versus evolucionismo; monogenismo versus poligenismo, Religião versus Ciência.*

*Na verdade, porém, a controvérsia se trava entre dois campos religiosos. Não há nem pode haver Ciência capaz de desmentir nem capaz de provar as verdades religiosas que são de outra ordem. Também não há nem pode haver Ciência alguma que prove e cabalmente explique as origens do homem, as origens da vida, as origens do universo, porque, se a ciência do fenômeno tem como critério único a experiência e a evidência do fato, por isso mesmo ela não tem nada a dizer sobre objetos ausentes e passados. Por extrapolações indevidas poderá balbuciar hipóteses; mas se se desmanda e se começa a falar em provas e certezas, já não o faz com critério científico e sim com critério religioso.*

*Sim, na verdade, tudo o que se tem dito sobre a origem do homem nos arraiais do cientificismo não tem nenhuma base sólida, consistente e honesta*

*nos dados observados, nem foi dito por motivações científicas. Ao contrário, tudo o que foi dito nessa matéria obviamente inacessível à observação só teve o objetivo de contrariar os dados da revelação. Há portanto teologia nos dois campos. De um lado a religião que professa sua adesão a um dado revelado e que se inclina diante da iniciativa primeira de Deus no ato de fé, de outro lado a religião que quer negar o próprio Deus, e para isto tem necessidade de montar e aparafusar sistemas de hipóteses mais ou menos divertidas.*

*Estamos todos diante de um fato bruto unanimemente aceito: homens aí estão, cada vez mais. Em volta desse abstrato ser está o mundo inorgânico, e mais perto o mundo vivo, e ainda mais perto o mundo animal.*

*A primeira observação que nos ocorre é a de certa semelhança entre o homem e a minhoca. Cientificamente essa semelhança será triunfalmente apregoada em termos da onipresença de átomos de Carbono, Oxigênio e Hidrogênio em construções moleculares semelhantes. Maior ainda é a semelhança entre o homem e o seu fiel admirador o cão; e ainda maior é a que se observa entre o homem e o macaco.*

*A segunda observação que se impõe, que ultrapassa os limites das ciências naturais, é a do comportamento desses seres semelhantes. Ora, no campo do humano temos o quinteto em sol menor, K. 516, de Mozart, temos a Suma Teológica, e toda a imensa variedade de ferramentas com que o homem domina e domestica (Saint Exupéry diria "apprivoise") o mundo inferior e exterior. A cultura, a prova do pensamento abstrato, a Torre Eiffel - tudo isto nos diz veementemente que o homem se separa do gênero animal por uma diferença específica que reside na racionalidade, ou na substância espiritual da alma humana.*

*E aqui cabe um reparo: quanto mais provarem o primeiro fato observado, isto é, a semelhança que nos aproxima do macaco, mais veementemente provam a necessidade de buscar outra dimensão que explique a infinita diferença de comportamento.*

*Mas é forçoso convir que, no polimórfico comportamento humano, há um aspecto melancólico que anuvia os aspectos gloriosos: o homem é capaz de se alegrar, de se julgar mais inteligente, mais lúcido, mais científico, precisamente quando está negando a inteligência propriamente dita. Paradoxos da idolatria dos tempos modernos: para firmar-se um deus, suficiente, pleno de si mesmo, o homem se afirma uma besta, e pausadamente didaticamente, ensina aos seus filhinhos, nos museus, nas escolas, hoje nas igrejas, que somos apenas umas bestas mais engenhosas e mais perversas do que nosso doce amigo cão.*

*Disse atrás que antigo era o debate entre a posição conscientemente religiosa e a outra, inconscientemente religiosa.*

*O que é moderno nessa longa e disparatada controvérsia é a posição trazida pelos "novos" católicos, e por eles tida como extremamente inteligente. Quando no domínio da Ciência séria e honesta começa a cheirar mal o evolucionismo, que já está desvendado como Religião ou contra-Religião,*

*nossos bravos progressistas se precipitam sobre o vômito dos cientistas desalentados.*

*Dias atrás, num debate público, um monge eruditíssimo, declarou tranqüilamente que o monogenismo está hoje superado. Esse erudito certamente pensa, ou pensa que pensa que isto é mais inteligente do que o credo católico. Ora, eu pergunto: se admitirmos que o homem seja um ser essencialmente superior a todo o mundo físico, se admitirmos a necessidade de um Agente e de um milagre para a emergência do Homem, então, pelo amor de Deus, me explique o erudito monge a razão que o leva a achar que mil criações supernaturais espalhadas no mundo são mais plausíveis do que uma só. E explique-me como conciliar esse poligenismo com a Epístola aos Romanos, cap. V. E explique-me a vantagem desse poligenismo para a coesão da fé.*

*Receio que nosso erudito esteja realmente convencido de estar atingindo o fino da sabedoria no momento exato em que exalta e apregoa a des-hominização do homem, a começar pelos eruditos da nova igreja.*

### **O CONTRA-ATAQUE CRISTÃO**

Ainda de autoria de Gustavo Corção é este artigo publicado em "O Estado de São Paulo" de 30 de setembro de 1972. O autor aborda "o chocante exemplo de quase total capitulação do mundo cristão diante do cerco de secularização" que constitui "a lamentável incapacidade" manifestada na controvérsia sobre o evolucionismo.

Digno de nota é o fato de já se estar fazendo sentir uma salutar reação ao dogmatismo evolucionista.

*Num interessante livro recentemente publicado com este título, "Christian Counter-Attack", e com o objetivo de assim, pela iniciativa do contra-ataque, melhor defendermos o humanismo cristão, dois autores norte-americanos, um católico, Sir Arnold Lunn, e outro protestante, Garth Lean, nos proporcionaram um excelente exemplo de ecumenismo cultural. E é no ensaio "O Conflito entre a Ciência e o Materialismo" de Arnold Lunn, cap. III, que encontramos estas palavras de ouro: "Um chocante exemplo da quase total capitulação do mundo cristão, diante do cerco de secularização, é a lamentável incapacidade que os cristãos, com algumas honrosas exceções, manifestam na controvérsia sobre o evolucionismo. Seria desastrosa para a Igreja a adesão a qualquer escola de pensamento evolucionista, mas é vergonhoso o fato de terem os cristãos deixado de dizer e repetir que os cientistas sempre estiveram divididos nesse assunto, e que a teoria da evolução por vários cientistas foi aceita mais por motivos teológicos do que por motivos científicos".*

*Diz bem Sir Arnold Lunn: é vergonhoso para nós não apenas o fato das omissões e fugas, mas o fato mais grave da capitulação e da entrega de nossas mais importantes bandeiras culturais, até dogmas de nossa Fé. É preciso repetir. É para nós vergonhoso o agachamento do religioso que serenamente diz estar superada a doutrina do monogenismo. Foi vergonhoso para nós, para o mundo católico, para a Igreja, para o planeta habitado, o*

*fato de a Hierarquia ter oposto, às alucinantes fantasmagorias de Teilhard de Chardin, apenas uma tímida e inconseqüente advertência de que todo o mundo escarneceu, da qual resultou, para a quadrilha beneficiada pelo ímpio legado do jesuíta, o maior sucesso editorial do século.*

*Convém lembrar que, além da desobediência grave que cometeu, quando deixou a herança de seus direitos autorais a uma senhorita fora do alcance da Companhia, que em vida do autor sempre proibira a publicação de suas fantasias, Teilhard de Chardin foi o promotor das aproximações entre o "progressismo" católico e o comunismo. Roger Garaudy, ex-chefe do PC francês, em 1965 canonizou Teilhard de Chardin com este título: "pioneiro do diálogo".*

*Tudo isto é um vexame para o pensamento católico, e com toda razão, num ensaio sobre o "Diálogo impossível", Etienne Gilson, o velho lutador, tomista, colaborador de Itinéraires, conclui seu estudo nestes termos de infinita melancolia: "Poderemos dialogar proveitosamente com um ateu? Duvido, se ele é comunista; receio as conseqüências quando esse diálogo se estabelece entre um marxista bem informado de sua doutrina, como o sr. Garaudy, e um teólogo tão mal instruído na sua, como o Pe. Teilhard de Chardin. Num caso assim, o comunista devora tranqüilamente o católico, e nutre-se dele com prazer. E a nós só nos fica o ridículo da aventura" (Les Tribulations de Sophie, VRIN, Paris, 1967, pag. 135). O episódio do teilhardismo, que já entra na fase crepuscular, foi um dos mais vergonhosos de toda a história da Igreja: um medíocre escritor, um péssimo filósofo, um extravagante "teólogo" que no campo da paleontologia e da antropologia é uma estrelinha de 6ª grandeza, além de todas as mistificações pseudocientíficas e do desserviço prestado como vendedor do marxismo ao mundo católico, obtém um colossal sucesso póstumo sem que a Hierarquia tome medidas realmente pastorais. O papa João XXIII promoveu um inquérito e lançou um ineficaz Monitum; o papa Paulo VI nada mais acrescentou neste "affaire". Entende-se assim a aflição de Marcel de Corte que publicamente gritou que este pontificado será na história da Igreja julgado pelo que fizer com o teilhardismo.*

*Repito a frase de Etienne Gilson, que não é menos impiedoso, nem menos varonil do que Marcel de Corte: "Só nos resta o ridículo da aventura".*

*Agora chega-nos dos Estados Unidos mais este grito de uma inteligência ferida em sua dignidade: foi vergonhosa a omissão dos cristãos na controvérsia evolucionista.*

*Cabia-nos tomar a posição clássica contra o materialismo e contra o ateísmo, ambos necessariamente implicados em qualquer evolucionismo. Cabia-nos ao menos lembrar, como o faz Arnold Lunn, que desde 1937, como se vê no volume da Encyclopédie Française dedicado aos Seres Vivos (volume V), Paul Lemoine, ex-Diretor do Museu de História Natural de Paris, fecha o volume com um ensaio intitulado: "Que valent les théories de l'évolution", onde diz: "As teorias da evolução, com que se acalentou nossa juventude estudantil, constitui um dogma que é difundido e ensinado em todo o mundo; mas cada cientista em sua especialidade, zoólogo ou botânico, chega à*

*conclusão que nenhuma das explicações apresentadas se sustenta”.*

*Depois de analisar as dificuldades de reconciliação do evolucionismo com a paleontologia e com a biogeografia, Paul Lemoine afirma: "Desta exposição resulta que a teoria da Evolução é impossível. (...) E é preciso ter a coragem de dizer isto para que os homens da futura geração orientem em outra direção suas pesquisas". Il faut avoir le courage de dire ...*

*Ora, a desventurada geração que deveria seguir o conselho do honesto cientista, quando abre os olhos para o problema, vê um espetáculo que Paul Lemoine certamente jamais imaginou. Sim, a nova geração, no mundo católico, onde deveria encontrar os mais valorosos paladinos do Contra-Ataque Cristão, vê religiosos, professores, reitores, filósofos e teólogos prosternados diante do Evolucionismo que a ciência verdadeira, humilde e honesta já vomitara. Só nos resta o ridículo da aventura, a vergonha da capitulação e a náusea de tão singular gulodice.*

### **DAR O CRÉDITO A QUEM MERECE**

(Despertai! 22/01/2000)

(Esta Nota foi acrescentada à primeira edição deste número da Folha Criacionista)

Em 1957, o engenheiro suíço George de Mestral notou que os carrapichos pequenos e resistentes que haviam ficado presos na sua roupa estavam cobertos de ganchinhos. Ele estudou os carrapichos e seus ganchos e logo a sua mente criativa estava trabalhando a todo o vapor. Passou os próximos oito anos desenvolvendo um equivalente sintético do carrapicho. Em pouco tempo, sua invenção já era usada em toda a parte: o velcro.

Imagine como Mestral teria se sentido se tivesse sido espalhada a história de que ninguém projetou o velcro, de que ele simplesmente surgiu em resultado de uma sucessão de milhares de acidentes numa oficina. Sem dúvida, a honestidade e a justiça exigem que se dê crédito a quem merece. Os inventores humanos patenteiam seus inventos para garantir isso. De fato, parece que os seres humanos merecem crédito, recompensas financeiras e até elogios por suas criações que muitas vezes são inferiores às coisas encontradas na natureza.

Não deveria nosso sábio Criador receber reconhecimento por ter preparado os originais perfeitos?

## **SOCIEDADE CRIACIONISTA BRASILEIRA**

### **INSCRIÇÕES**

Os interessados em ingressar na Sociedade Criacionista Brasileira poderão solicitar sua filiação preenchendo o formulário abaixo e enviando-o para o endereço da Folha Criacionista.

NOME:

---

ENDEREÇO:

---

ASSINALAR:

- Portador de diploma universitário

- Estudante universitário

- Estudante pré-universitário.

### **INFORMAÇÕES**

Os **Estatutos da Sociedade** foram publicados no primeiro número da Folha Criacionista. (Por ocasião da reedição deste nº 4 da Folha Criacionista, encontram-se também, após revisão, em nosso site)

A Sociedade tem fins exclusivamente educacionais e científicos, não visando fins lucrativos.